

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano VIII — Número 89

Maio de 1970

PRECE

Erasmo Braga

Ó Deus, de quem procedem as dádivas em extremo excelentes e os dons perfeitos; Pai misericordioso, que reclinas a fronte inermes das crianças no colo carinhoso das Mães, e que deste o Teu Filho ao cuidado maternal de Maria:

Agradecemos-Te as heroínas por cujas angústias tem recebido a humanidade os varões ilustres, os braços infatigáveis dos trabalhadores, as fulgurações dos espíritos privilegiados e a doçura afectiva de todos os corações filiais.

Damos-Te graças pelas mulheres nobres e generosas que têm, por entre lágrimas, vigiado, ao pé dos berços de seus filhos as longas noites de dor e agonia, pedindo-Te a vida dos seus queridos.

Damos-Te graças pela sabedoria de que dotaste as directoras dos lares, onde se têm construído caracteres e têm recebido ténpera as virtudes humanas.

Damos-Te graças pela dignidade que a religião de Teu Filho conferiu à mulher, coroando com o diadema santo a fronte das Mães cristãs.

Imploramos a Tua bênção para todas as mulheres que trazem ao seio os filhinhos que lhes confiaste. Fortalece-as para a sua grande missão.

Perdoa, ó Pai todos os filhos infelizes que não souberam reconhecer e retribuir os carinhos maternais. Dá-lhes a piedosa compunção do seu delito.

Apieda-Te, Senhor, das Mães que não têm lar, e apressa o dia em que a santidade do matrimónio, a dignidade cristã do tálamo sem mácula serão igualmente reconhecidos por ambos os sexos.

Perdoa e elimina todos os pecados contra a Maternidade, purifica o coração humano e exalta os seus santos afectos.

Abençoa as nossas Mães e torna-lhes grato o amor de seus filhos.

Pelo amor de Cristo, que nos salvou na cruz.— Cristianismo.

Meu Lar! Minha Mãe!

por Maria Augusta Pires

Já foi há muito! Nem me lembro quando

Indiferente e louco abandonei meu lar!

Mergulhada em dor eu deixei chorando

Essa mulher, que é Mãe, de afecto singular!

Bem vi, sombrando dos seus belos olhos,

Gotas tecidas de amor e de ansiedade...

Mas, correndo para o mundo e seus escolhos

Eu gozei, lutei, sofri, senti saudade...

Saudades de ti, Mãe, dos teus conselhos,

Das tuas preces sublimes, salutareis,

Dos teus sermões que eu reputava velhos...

Hoje, cansado desse mundo além

Sinto que me apontavas o melhor dos lares

Onde quero viver contigo, ó minha Mãe!

A Arca do Testemunho

Por F. Cordas

Entre os diversos objectos que faziam parte do Santuário, o mais importante centro de todo o serviço era a Arca do Concerto, do Testemunho, da Aliança, da Lei de Deus, como era chamada, e se encontrava no Lugar Santíssimo ou Santo dos Santos.

Era uma caixa de madeira de setim, uma acácia especial, de longa duração, toda chapeada por dentro e por fora de ouro batido (distendido), cujas dimensões eram 2,5 côvados de comprimento e 1,5 de largura e altura. (Êxodo 37:15; 25:10-17).

A Lei de Deus, por Ele proferida no Monte Sinai, foi escrita pelo próprio dedo de Deus em duas tábuas de pedra e entregue a Moisés, (Êxodo 24:12-18; 32:15, 16; 20:3-17).

Quando Moisés descia do Monte Sinai, onde tinha ido receber directamente de Deus a Lei escrita, verificou que o povo, tendo-se corrompido, fizera um bezerro de ouro. Moisés, num gesto de reprovação, quebrou então as tábuas da Lei na presença deles, significando assim que o compromisso feito entre eles e Deus estava quebrado. (Êxodo 19:5-8; 32:19).

Moisés intercede junto de Deus pelo povo, e foram apenas punidos os que persistiram na apostasia. Recebe então novamente a ordem de subir ao monte para receber novas tábuas de pedra com a Lei. (Êxo. 34:1, 2, 28; Deut. 10:1, 2).

Entretanto o Santuário estava já a ser construído com os materiais oferecidos e segundo o modelo do Céu (Êxodo 26:30) e cerca de um ano depois de terem saído do Egipto é concluído e a Arca é posta no seu lugar (Êxodo 40:2, 3, 5, 20, 21) e dentro dela foi posta a Lei de Deus. (Deut. 10:1, 2).

Durante a sua peregrinação pelo deserto a Arca esteve no seu lugar, apenas transportada pelos filhos de Aarão,

quando a nuvem se levantava de sobre o Santuário, até parar para aí ser novamente montado o Santuário. (Núm. 3:31).

Quando chegou a ocasião solene de atravessarem o Jordão para entrarem em Canaan, a Arca iria na frente (Josué 3:6, 8, 11, 13-15; 4:11), aos ombros dos sacerdotes, que parariam no meio e seriam os últimos a finalmente atravessarem o rio até à margem oposta.

Na tomada de Jericó foi também a Arca transportada pelos sacerdotes a acompanhar os sitiantes da cidade (Josué 6:4, 6, 7, 9, 12, 13), como simbolizando a presença divina entre eles.

Já na posse da terra, dividida pelas tribos, resolvem armar uma Tenda para a Congregação, espécie de Santuário, em Siló (Josué 18:1), onde a Arca deve ter sido colocada, e onde o povo ia para adorar ao Senhor. (I Samuel 1:3).

Há entretanto uma guerra feita pelos filisteus em que Israel é vencido e alguém decide levar a Arca para o acampamento, o que motivou grande regozijo, ouvido mesmo pelos inimigos (I Samuel 4:3-5), mas o povo tinha-se afastado dos caminhos do Senhor e é vencido e a Arca é levada pelos filisteus (Josué 4:11, 17). A Arca, porém, torna-lhes a vida difícil; destrói os seus ídolos (Dagon) e, depois de atingidos por várias pragas, decidem enviá-la para Israel (I Samuel 5:1-3, 8, 11), onde chegou depois de 7 anos de cativeiro. (I Samuel 6:1, 13).

Foi com alegria que receberam a Arca, que logo pensaram colocar em lugar seguro, mas por desrespeito olharam para dentro dela e foram punidos (v. 19). De outra localidade consagraram um sacerdote para a transportar e foi levada para Queriate-Jearim, onde ficou cerca de vinte anos. (I Samuel 7:1, 2).

Entretanto, David é aclamado rei e uma das suas principais preocupações é dar um lugar condigno à Arca (II Samuel 7:2). Para isso tinha-a mandado transportar para Jerusalém, mas mais uma vez a falta de reverência provoca a morte — desta vez a Uzá, por este ter segurado a Arca, o qual embora tivesse sido escolhido para guiar o carro não devia tocar na Arca, privilégio só permitido aos sacerdotes (II Sam. 6:2, 3, 7, 9). Então deixaram-na ainda em casa de um particular (v. 11), (II Crônicas 15:1, 2).

A notícia de que o Senhor tinha abençoado aquela casa animou David a transportá-la para Jerusalém, usando de toda a precaução, fazendo constantes sacrifícios que significavam arrependimento e confissão. Não lhe sendo permitido construir o Templo, para o qual já tinha diversos materiais, construiu uma Tenda onde a Arca foi colocada. (I Crônicas 16:1, 4).

Salomão, filho de David, constrói o Templo em cerca de 7 anos. (I Reis 6:38). Quatrocentos e oitenta anos depois de saírem do Egito, começou a ser construído. (I Reis 6:1). Finalmente foi consagrado e a Arca colocada no devido Lugar Santíssimo. (I Reis 8:3, 4-6).

S. Paulo menciona em Heb. 9:4 como estando dentro da Arca, além das tábuas de Lei, mais o vaso de Maná e a Vara de Aarão, mas em I Reis 8:9, 21 diz-se que na Arca nada havia além das duas tábuas de pedra que Moisés ali pusera. As referências disso, em Êxodo 16:32-34, dizem apenas para ser colocado diante do Senhor, do Testemunho, e não há certeza se estavam num cofre ao lado da Arca, se mesmo dentro dela. O mesmo se diga quanto à Vara de Aarão, em Núm. 17:10. (Ver «Comentário Adventista», vol. I, pág. 582). É natural até que dali tenham sido tirados por qualquer profanação, mesmo porque o seu significado era diferente do das tábuas da Lei.

A história de Israel é bastante agitada e embora o reino de Judá, cuja sede era em Jerusalém, onde estava o Templo, permanecesse por mais tempo fiel ao Senhor, o Templo foi várias vezes assaltado, possivelmente pela fa-

ma das suas riquezas e vários objectos de ouro foram roubados. Quando se previa, pelas mensagens dos profetas, o cativeiro de Judá para Babilônia e a profanação do Templo, sacerdotes piedosos procuraram guardar a Arca de mãos herejes.

«Entre os justos que ainda restavam em Jerusalém, a quem tinha sido tornado claro o propósito divino, alguns havia que determinaram colocar além do alcance de mãos cruéis a sagrada Arca que continha as tábuas de pedra, sobre as quais haviam sido traçados os preceitos do Decálogo. Isso eles fizeram. Com lamento e tristeza esconderam a Arca numa caverna, onde devia ficar oculta do povo de Israel e de Judá por causa dos seus pecados, não mais lhe sendo restituída. Esta sagrada Arca ainda está oculta e jamais foi perturbada desde que fora escondida». («Profetas e Reis», pág. 453).

É possível que não mais seja encontrada, e seria bom que o fosse para se confirmar a autenticidade da Lei de Deus, mas se o não for, temos escrita a mesma Lei quando proferida pelo Senhor a Moisés no Monte Sinai e que foi escrita em Êxodo 20:3-17 e repetida várias vezes.

A Lei não foi originada quando Israel saiu do Egito, mas apenas lembrada, agora que estas gerações vinham com pouco conhecimento dos Sagrados Escritos, pela vida difícil que tinham levado. A Lei de Deus é eterna e não começou nessa data nem terminou com o desaparecimento da Arca.

A S. João, em Apoc. 4:2-6, é-lhe revelado um Santuário no Céu, que tinha servido de modelo a Moisés, e, no cap. 11:19, é-lhe revelado o Lugar Santíssimo, o que podemos considerar como o clímax do livro de Apocalipse, e João vê a Arca do Concerto. Ali estava a Lei divina. A dita a Moisés e depois dada escrita pelo próprio dedo de Deus eram apenas cópias. Embora os homens a pretendam modificar, ficará sempre o original no poder de Deus e pelo qual a humanidade será julgada. Deus escreverá com o Espírito Santo essa Lei no coração dos Seus fiéis. (Heb. 8:10; 10:16; II Cor. 3:3).

A Personalidade de Abraão nos Evangelhos

Por J. Dias

Após ter vivido uma vida segundo a vontade de Deus, Abraão foi chamado para ser o grande fundador da nação judaica. O seu próprio nome quer dizer: «Pai da multidão de nações». — Gén. 17:5.

A sua vida foi agradável a Deus em muitíssimos aspectos e por isso Deus o abençoou e todas as nações seriam abençoadas através dele. A sua conduta e a sua personalidade foram sempre motivo de inspiração e de garantia em toda a vida religiosa de Israel.

No tempo de Jesus, Abraão era ainda para os judeus um motivo de orgulho religioso. Descobrimos facilmente esse orgulho na censura de João: «e não comeceis a dizer em vós mesmos: Temos por pai Abraão» — Luc. 3:8. A primeira referência à personalidade de Abraão, nos evangelhos encontramos-a nos cânticos de Maria e de Zacarias (Luc. 1:55, 73). Maria engrandece a Deus por a ter escolhido, entre todas as outras mulheres, para dar a maternidade ao Salvador do mundo. Ela louva a Deus por ter realizado nela as promessas feitas a Abraão e à sua posteridade. Zacarias, da mesma maneira, louva a Deus por ter realizado nos seus dias «o santo concerto e o juramento que jurou a Abraão nosso pai» — Luc. 1:72 e 73. Os evangelistas Mateus e Lucas dando-nos a genealogia de Jesus escreveram: «filho de David, filho de Abraão».

Estas primeiras passagens mostram-nos que as várias classes da nação judaica tinham Abraão como pai, como base onde estava fundada a sua religião. Encontravam em Abraão a personificação, a própria materialização das promessas de Deus a seu respeito. Na sua linha geneológica Abraão era o mais distante e ao mesmo tempo a maior garantia de mérito religioso. Os judeus não concebiam ninguém mais

digno das graças de Deus do que Abraão. Depois de terem conhecido uma grande parte do ministério de Jesus, e mesmo em face dos seus milagres, perguntaram: És tu maior do que o nosso pai Abraão que morreu? — João 8:53.

Jesus conhecia bem o respeito que os judeus tinham por Abraão e acrescentou também a sua admiração e o seu respeito pelo grande patriarca. Ao falar sobre as dificuldades de entrar pela porta estreita, símbolo da vida cristã, Jesus disse: «Ali haverá choro e ranger de dentes, quando virdes Abraão, e Isac, e Jacob, e todos os profetas, no reino de Deus e vós lançados fora» Lucas 13:28. Jesus põe em evidência a figura de Abraão como algo que fazia inveja aos judeus.

«O seio de Abraão» era uma locução metafórica bastante usada no tempo de Jesus para designar onde, como muitos acreditavam, estavam as almas santas, saídas deste mundo a gozar do repouso e felicidade. Na linguagem mesmo dos rabinos, estar no «seio de Abraão» significava ser feliz após a morte. Jesus aproveitando esta popularidade do patriarca, acerca-se do povo no seu próprio terreno e apresenta-lhes a parábola do rico e do Lázaro.

O uso de parábolas era um dos métodos preferidos por Jesus no seu ensino. Sabemos que o Mestre procedia assim porque usando factos da vida corrente e ideias populares, o povo facilmente esquecia. «Nesta parábola Cristo acercava-se do povo em seu próprio terreno. A doutrina de um estado consciente de existência entre a morte e a ressurreição era mantida por muitos dos que ouviam as palavras de Cristo. O Salvador lhes conhecia as ideias e compôs sua parábola de modo a inculcar verdades importantes em lugar dessas opiniões preconcebidas. Apre-

sentou aos ouvintes um espelho em que se pudessem ver em sua verdadeira relação para com Deus. Usou a opinião predominante para exprimir a ideia de que desejava todos ficassem imbuídos, isto é, de que nenhum homem é apreciado pelas suas posses: porque tudo o que lhe pertence é unicamente emprestado por Deus» — *Parábolas de Jesus*, pág. 263. Jesus queria, portanto, dar uma lição aos fariseus sobre a divisão e emprego dos bens neste mundo com as suas consequências para o futuro. Procura para isso elementos populares e queridos na vida dos israelitas e não encontra nada melhor que a personalidade do grande patriarca para realçar a sua lição naquele dia.

Os judeus regozijavam-se por serem filhos de Abraão, pelo sangue, e isto lhes bastava para a sua salvação. «Nós temos por pai Abraão» (Mat. 3:9). «somos descendência de Abraão». «nosso pai é Abraão» (João 8:33, 39). Ele tinha recebido a promessa de ser abençoado com a sua posteridade por todos os tempos. Então, pensavam eles, é qualquer coisa de importante ser filho de um pai abençoado por Deus. Se o pai é abençoado, os filhos directos, que praticam o mesmo culto e adoram o mesmo Deus, serão abençoados nele e com ele. Estas ideias faziam dos judeus pessoas orgulhosas e egoístas com o direito de serem salvos devido à sua origem.

Nos evangelhos, portanto, Abraão aparece sob dois espectos: pai, segundo a carne para os judeus: pai, segundo a fé com as obras, para os judeus e para nós, apresentado por João Baptista e por Jesus. Há ainda outro aspecto a realçar na vida de Abraão — símbolo de fé e de obediência. João Baptista e Jesus procuravam mostrar aos judeus a vida de Abraão como exemplo para a nação judaica. A sua obediência, a sua esperança deviam ser um motivo de inspiração para os judeus e deve ser ainda hoje para nós, como Israel espiritual. É necessário não nos contentarmos com a pobre ideia de sermos da linhagem espiritual de Abraão. Isto sem uma vida ligada a Deus, como a de Abraão, de nada vale. João Baptista procurou combater esta ideia errônea,

chamando a cada um da ilusão à realidade: «E não presumais de vós mesmos dizendo: temos por pai Abraão, porque eu vos digo que mesmo destas pedras Deus pode suscitar filhos de Abraão» — Mat. 3:9. João não queria diminuir em nada a personalidade ou o comportamento de Abraão para com Deus, mas somente com estas admoestações pretendia mostrar como se enganavam a eles próprios ao contentar-se ser da descendência de Abraão.

Jesus também diz aos judeus: «Bem sei que sois descendência de Abraão», mas somente segundo a carne, que não é nada, porque «agora procurais matar-me... Abraão não fez isto... se fôsseis filhos de Abraão faríeis as obras de Abraão» e me aceitaríeis com alegria, porque «Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia, e viu-o e alegrou-se» (João 8:37, 39, 56).

Jesus demonstrou, pois que os judeus não tinham nenhuma vantagem por descenderem de Abraão, mas bem ao contrário, as suas obras, a sua hipocrisia, bem como toda a sua vida, eram motivos de vergonha para a memória do grande e fiel servo de Deus. João Baptista, seguindo a mesma ideia do Mestre, chega a profetizar a rejeição do povo judeu como nação: «E também agora está posto o machado à raiz das árvores, toda a árvore pois, que não dá bom fruto é cortada e lançada no fogo» — Mat. 3:10. Sim, Deus não depende dos homens para levar avante os seus planos», porque eu vos digo que mesmo destas pedras Deus pode suscitar filhos de Abraão». — Mat. 3:9.

Esta lição é também para nós hoje. O facto de sermos Adventistas do Sétimo Dia e de conhecermos toda a Luz da Verdade, não dá salvação, a menos que a punhamos em prática e vivamos uma vida de santificação, dia após dia, com a graça do nosso Salvador Jesus.

Para conclusão podemos dizer que os judeus queriam servir-se de Abraão com uma credencial para entrar na vida eterna, mas João Baptista e Jesus puseram-no no seu verdadeiro lugar: um fiel servo de Deus, que nos deixa um exemplo de obediência, de fé e de esperança.

O Regime alimentar e os vícios

Dr. Daniel H. Kress

Não conheço coisa alguma que se compare ao abundante uso de frutas ácidas ou sub-ácidas para combater o vício dos narcóticos e, especialmente, o do cigarro.

O vício de fumar é apenas outra modalidade do vício dos narcóticos, pois poucos de seus adeptos conseguem abandoná-lo, uma vez adquirido. Não digo que é impossível abandoná-lo. Repetidas vezes tenho visto alguém fazê-lo. Mas também inúmeras vezes tenho presenciado fracassos. Nem mesmo uma dentre dez pessoas consegue vencer o vício sem algum auxílio de fora. É quase tão difícil separar-se da companhia do cigarro como romper com o apêgo a qualquer outra espécie de narcótico. Se qualquer fumante duvida, o que tem a fazer é tentá-lo. Não; não é fácil romper com este «pequenino escravizador».

A maneira de vencê-lo não é diminuir a quantidade, isto é, fumar amanhã uns poucos cigarros menos do que hoje, e assim continuar a diminuí-los gradualmente até fumar apenas três ao dia, depois dois, e então um, e, finalmente nenhum. O resultado quase certo deste método é o desapontamento. O processo é demasiado doloroso. Pode ser comparado à amputação lenta de uma perna ou de um braço, serrando um pouco cada dia.

O único meio de vencer qualquer vício é *abandoná-lo, não condicionalmente*, dizendo: «Se eu sofrer muito, voltarei a dar apenas mais *uma* fumada».

O cigarro, como tereis notado, não é a mais inocente criatura que parece ou representa ser. Depois de ser alguém escravizado por ele, ao tentar abandonar seu uso, surge como poderoso gigante.

Para abandonar o vício de fumar, vale a pena sentar-se primeiro e calcular as custas, e então, deliberada e inteligentemente, com factos inques-

tionáveis nas mãos, fazer o sacrifício. Dizer ao *pequeno escravizador*: «Para sempre, deixarei tua companhia, *independente* das conseqüências. Espero batalha, mas estou preparado para ela, e não serei vencido. Sairei vitorioso». A vontade assim colocada ao lado do direito, que é o lado de Deus, torna-se onnipotente, e do impossível faz o possível. Algumas vezes há obstáculos que devem ser removidos. Devemos tornar-nos *coobreiros de Deus*. Onde quer que haja um fracasso, ele é devido a alguma coisa que deixamos de fazer.

Para os que estão realmente desejosos de abandonar o vício de fumar, minha advertência é: *Quando tentados a apanhar um cigarro, tomai uma laranja*; fazendo isto e comendo alimentos simples, diminuirá o desejo de fumar, e em breve desaparecerá.

As mães que estão orando a Deus para que seus filhos e filhas sejam salvaguardados de se tornarem presas do cigarro, podem ajudar a responder a sua oração, provendo-lhes alimentos e bebidas simples, não irritantes e não estimulantes.

Os alimentos mais apropriados são cereais, pão, leite, nata e sôro de manteiga, as frutas frescas como bananas, laranjas e abacates e abacaxis comidas durante as refeições ou ao terminá-las.

Quando eu clinicava na cidade de Chicago, o gerente de um dos principais hotéis da cidade veio ter comigo pedindo que o ajudasse a abandonar o cigarro. Eu o aconselhei, como tenho feito com outros, a comer abundantemente frutas ácidas e sub-ácidas, especialmente ao fim das refeições, e a tomar grande quantidade de leite e, em particular, sôro de manteiga. Ele me respondeu:

— Doutor, as melhores e mais finas frutas da cidade de Chicago passam

Continua na pág. 16

2.^A OFERTA PARA O EVANGELISMO MUNDIAL 16 DE MAIO

Seria a Vaca Demasiado?

Há alguns anos, na longínqua Índia, um homem e sua esposa aceitaram a mensagem do Advento. Estas boas almas só acharam a maravilhosa verdade de Deus para este tempo, quando já eram idosos. Não pertenciam à classe rica, entretanto estavam no grupo daqueles que possuem alguns meios para viver. Como se estavam preparando para a reforma, o seu grande desejo era possuírem produtos lácteos para a sua alimentação. Sabiam igualmente que a única maneira de os ter, era possuírem uma vaca. Finalmente, depois de muitas economias e cálculos, conseguiram comprar uma. Seus corações estavam bastante emocionados quando puderam ter o privilégio de adquirir sua própria vaca, com a qual contavam para lhes fornecer o leite, nata, manteiga e queijo, durante os seus últimos anos.

Eram membros fiéis da Igreja e frequentavam, evidentemente, a Escola Sabatina com regularidade na capela Adventista da pequena aldeia.

Em determinado trimestre, a Escola Sabatina anunciou que o excesso da oferta do 13.º Sábado seria utilizada no trabalho de evangelização entre os Incas da América do Sul. A América do Sul, para estas boas almas, deve ter parecido muito, muito longe da terra em que viviam. Compreenderam que os seus olhos mortais nunca teriam o privilégio de ver um índio da América do Sul, embora amassem seus ir-

mãos que se encontravam tão longe. À medida que o trimestre avançava, as cartas missionárias falavam das condições entre estes índios, de suas grandes necessidades. Conforme ouviam estas leituras, aumentava o amor de nossos bons irmãos por estes índios e o desejo de ajudar crescia igualmente de Sábado para Sábado. Com o desenvolvimento do amor cristão, aparece igualmente o desejo de ajudar, de dar.

Ao aproximar-se o fim do trimestre, suas orações diárias tornaram-se mais fervorosas, crendo que Deus lhes mostraria a maneira de poderem dar uma oferta que ajudaria a trazer ao conhecimento da segunda vinda de Jesus um desses índios. Ajoelharam-se em oração, no culto de pôr do sol da última sexta-feira. Enquanto oravam, suplicando as bênçãos de Deus, mais uma vez imploraram ao Senhor que os ajudasse a dar uma oferta para o trabalho entre os Índios da América do Sul. Ao erguerem-se da oração, olharam um para o outro e então ambos disseram a mesma palavra: «A vaca».

No dia seguinte foram à Escola Sabatina e na altura devida, a oferta foi levantada. É de salientar que a oferta do 13.º Sábado é levantada em muitos lugares de forma diferente daquela a que estamos habituados. Um lençol é estendido em frente à mesa da Escola Sabatina e então os membros levantam-se de seus bancos e passando em frente do lençol, colocam as suas ofer-

tas. Muitas vezes as ofertas são géneros alimentícios. Uns colocam ovos, outros pequenos sacos de arroz, outros galinhas e alguns também dinheiro. Depois de todos os membros se terem levantado e entregue as suas ofertas, nosso irmão e sua esposa ainda continuavam nos lugares.

Quando todos se tinham sentado, a esposa de nosso irmão levantou-se e contou a história de seu profundo amor para com os Índios da América do Sul e como durante todo o trimestre tinham orado para que o Senhor lhes concedesse algo para a oferta do 13.º Sábado. Contou igualmente como na última sexta-feira, quando realizavam o culto de começo de Sábado, no momento em que se levantavam da oração tiveram ambos, súbitamente a mesma inspiração e ao mesmo tempo se lembraram da «vaca». Dirigindo-se seguidamente ao Pastor, nossa Irmã disse: Pastor, o Irmão encontrará nossa vaca amarrada a uma árvore ali fora, no pátio da Igreja. Compramo-la. Queremos que o Irmão a tome e depois de a vender, entregue o produto da venda para a evangelização entre os Índios Sul-Americanos. Seguidamente nossa irmã acrescentou que ficaria satisfeita, ainda que um só Índio fosse salvo para o reino de Deus em consequência de sua oferta.

Esta experiência encerra muitas lições para nós hoje. Ensina-nos que o amor é o maior incentivo para dar. Quando o amor nos inspira a dar e temos algo para dar, esse é o momento próprio para dar o que o nosso coração nos indica. Deus deu-nos um exemplo sublime acerca do amor e do dar. João 3:16 diz-nos que Deus primeiramente amou e depois deu. Amou o mundo e deu Seu único Filho para salvar o mundo. Quando ainda éramos

pecadores, Deus deu Seu Filho para nos redimir.

No dia 16 de Maio, os adventistas de todo o mundo, terão oportunidade de contribuir com seus dons para o Evangelismo Mundial. Nós Adventistas do Sétimo Dia, professamos ter a responsabilidade de levar a mensagem a todo o mundo e não há dúvida que na maior parte dos países do mundo, nosso trabalho está estabelecido. Mas por outro lado devemos lembrar-nos que existem vastas áreas onde a mensagem da breve volta de Jesus ainda não está sendo apresentada. Em centenas de lugares no mundo, necessitamos de construir templos e suscitar congregações de crentes. Noutras partes do mundo, existe a tremenda necessidade de escolas e hospitais. Todos estes empreendimentos requerem dispendio de fundos e na economia divina, aqueles que já receberam o Evangelho, são os que primeiro devem sacrificar-se para que o Evangelho que estimam e amam, possa ser levado a outras partes e a outros povos em todo o mundo.

Esperamos e acreditamos que todo o nosso povo na Divisão Sul-Europeia, dará generosa e liberalmente para este fim, no dia 16 de Maio.

Ao fazermos este apelo queremos ao mesmo tempo agradecer a todos os Irmãos e Irmãs através da Divisão por sua generosidade e sacrifício manifestados no passado. Estamos certos de que todos vós respondereis com a oferta mais generosa de sempre. A seara está madura. O chamado é urgente. O que nos propusermos fazer para acabar a Obra, devemos fazê-lo agora.

Berne, Suíça

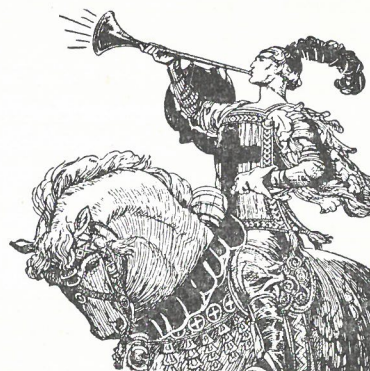
17 de Fevereiro de 1970

Waller Murray

Página

da

Juventude



No Dia das Mães

A S.^{ra} Mariana não se recordava de haver assistido há muitos anos, a um programa celebrando o dia das Mães, tão bem realizado como este: sério e nobre em seu conteúdo, acertado na escolha dos números e perfeito na interpretação dos mesmos. Além disso havia uma admirável demonstração de arte e bom gosto no adorno e decoração do cenário. Tendo dedicado a maior parte de sua vida ao ensino, pode julgar e avaliar a qualidade do programa, e como estivesse somente de visita no lugar, e o ambiente lhe era conhecido, ao ser conduzida por sua amiga a um lugar estratégico do salão, de onde podia ver e ouvir sem esforço algum, acomodou-se no assento com uma sensação de delícia, disposta a desfrutar do programa com o ânimo despreocupado e tranquilo. Sua amiga, depois de apresentá-la gentilmente à sua vizinha de assento, retirou-se para ver se os membros do coro, a seu cargo, estavam preparados.

À S.^{ra} Mariana chamou a atenção a eficiência, desenvoltura e graça, com que se desempenhava a jovem que dirigia o programa. Suas palavras introdutórias foram sóbrias, amáveis e oportunas. Logo tomou parte em outros números, especialmente de música e canto, e em todos eles revelou talento e habilidade. A S.^{ra} Mariana era espontânea e sentia muita admiração pelo que é bem apresentado e perfeito: várias vezes demonstrou seu agrado dizendo em voz baixa: «Muito bem, muito bem!» e em certo momento, não podendo conter-se,

inclinou-se em direcção à sua vizinha e manifestou sua opinião:

— Esta jovem é encantadora! Sua actuação no programa é insuperável.

— Obrigada, senhora — foi a resposta. Sim, devo reconhecer que não falta inteligência à minha filha.

— Oh! é sua filha? Ignorava. Pois, senhora, felicito-a sinceramente. Sua filha é uma jóia!

Agora a S.^{ra} Mariana compreendeu por que sua vizinha, desde o começo do programa, mostrava estar muito comovida. Após esta breve conversação começou a observá-la de soslaio, com mais interesse. Notou que procurava dissimular sua emoção com estoicismo, concentrando sua atenção em cada parte que era apresentada, sem pestanejar, para desse modo afugentar, as lágrimas que teimavam em brotar dos seus olhos; mas apesar do esforço para impedi-las, estas deslizavam pelas faces obstinadamente.

O programa chegava ao seu final. A jovem foi à frente para anunciar o último número: a entrega de um lembrança às mães presentes. Disse algumas palavras a propósito, belas em sua essência e significado, porque expressava em breves mas escolhidas frases o que a Mãe significa para cada coração, e o profundo e sincero sentimento de amor e reverência de cada filho agradecido.

Então o delicioso cântaro de sublimes emoções e sentimentos pareceu quebrar-se no interior daquela Mãe, e o

pranto reprimido brotou com força incontida. Felizmente para a chorosa Mãe, ninguém reparou nela, com excepção da S.^{ra} Mariana. Todos presenciavam com o maior interesse e atenção a parte final, em que cada filha e filho presente colocavam pessoalmente uma formosa flor ao peito de sua respectiva Mãe e lhe entregava um lindo cartão como lembrança.

A juvenzinha de nosso relato dirigiu-se a sua Mãe com um doce sorriso que realçava o encanto de seu rosto. A S.^{ra} Mariana observava a cena com mal dissimulada indiscrição. Notou que ao chegar junto à autora de seus dias, enquanto colocava as flores, fitou-a com olhos frios e mordazes que expressavam uma dura reprovação, e murmurou-lhe baixinho: «Deixe de chorar! a senhora está oferecendo espectáculo ridículo!»

Aquilo durou apenas um instante. Em seguida recompos-se. Via-se-lhe um olhar cheio de ternura, e em seus lábios um sorriso doce e amoroso. Inclinou-se e beijou as faces da Mãe com delicada doçura. Esta deixou-se beijar, trêmula e resignada... Não se notava o mais leve indicio de alegria ou felicidade maternal naquele rosto envelhecido. Estendeu suas rugosas mãos para receber o cartão das finas e aristocráticas mãos da filha e leu o poema escrito no cartão, com um ricto de amargura nos lábios.

Apenas terminou o Programa, a senhora escapuliu ágil e silenciosamente entre as pessoas e desapareceu enquanto os demais se detinham, como é comum em tais ocasiões, para comentar o programa, felicitar a uns e elogiar a outros.

S.^{ra} Mariana estava intrigada. Sua intuição feminina e larga experiência no magistério que lhe haviam permitido penetrar, sem querer, em muitos seres e em muitas vidas, permitiam-lhe agora adivinhar o incidente que presenciara por pura casualidade, um dos muitos insuspeitados e dolorosos dramas da vida real. Mais tarde, em casa de sua amiga, sentadas tranquilamente, e enquanto trocavam opiniões sobre alguns pormenores do programa, perguntou-lhe, dando à voz um tom indiferente de um comentário casual:

— Sabes? A senhora que estava sen-

tada ao meu lado parecia muito emocionada... Até a vi chorar.

— Não me surpreende. Era sem dúvida um pranto motivado pelo contraste.

— A que contraste te referes?

Ao contraste existente entre a artista e a pessoa de sua encantadora filha; porque essa jovem, que na vida pública e social deslumbra com sua amabilidade, modos gentis, talento e aptidões artísticas, na intimidade do Lar é a viva personificação do egoísmo, indiferença, grosseria e da mais repreensível desconsideração para com sua abnegada Mãe, que tem trabalhado incansavelmente durante longos anos, escrava da máquina de costura, trabalhando sem uma queixa, sem um protesto, de 18 a 20 horas diárias, desde a madrugada até altas horas da noite, para atender às tarefas domésticas e confeccionar os belos e elegantes trajes de sua exigente clientela; assim prejudicou sua vista, sua saúde, e privou-se de toda a recreação e até de descanso necessário; mas sempre tem o dinheiro suficiente para que sua filha receba o melhor que a sociedade e as instituições educativas oferecem à juventude; não só lhe custeou a carreira no Colégio, mas também varios anos de música e canto e proporcionou-lhe a oportunidade de ser sócia de vários clubes culturais e desportivos. Com que resultado? A menina tornou-se uma figura desembaraçada, popular e diríamos, completa. Mas, sabes o que me faz pensar? Que se assemelha a uma mariposa de cores vistosas que atrai os olhares e deleita os olhos enquanto esvoaça pelos parques e jardins, mas que ao transpor os umbrais da casa se transforma em morcego, mas da espécie daninha, quero dizer, em vampiro... Essa jovem é «a luz da rua e a escuridão da casa», como diz o provérbio.

O quadro pintado por sua amiga, com traços tão vívidos quanto implacáveis, arrancou-lhe um suspiro triste, enquanto dizia lentamente, como se pensasse em voz alta;

— Infelizmente, sucede com muita frequência que pais demasiado abnegados criam filhos egoístas, que aceitam, indiferentes, tudo quanto o amor e a soliditude de seus progenitores lhes propor-

Continua na página seguinte

O Exemplo dos Pais

Os pais devem saber que do seu comportamento depende em grande parte o futuro dos filhos.

Pais divorciados, alcoólatras anormais, pais sádicos e egoístas, são figuras que desfilam aos nossos olhos, como criaturas perniciosas, causando nos filhos anormalidades, muitas delas irremediáveis.

Precisamos lembrar-nos de que o comportamento anormal dos pais, tem acção maléfica sobre a prole. Que suas falhas de carácter, seus acessos de raiva, suas faltas de controlo, suas preocupações repercutem inevitavelmente sobre a criança.

Tem razão o povo quando diz que os pais constituem exemplos para os filhos. Mas quantos pais têm isso sempre presente no espírito?

Diante dos filhos discutem e agem como se estivessem somente com pessoas adultas. No entanto, as impressões que gravarão na mente do pequeno ser ficarão para sempre.

Quantas vezes vemos um casal discutir, perder completamente o domínio de si mesmo, desmoralizar-se mutuamente e arrastar os filhos à luta, obrigando-os a tomar o partido do pai ou da mãe?

Seres criados num tal ambiente serão, futuramente, com grande probabilidade, pessoas nervosas, candidatas à doença mental. Mas, mesmo que não cheguem a tal extremo, serão personalidades extravagantes, inúteis, sem êxito na vida, a atravancar o caminho dos que vivem equilibradamente.

Os pais devem ter presente que seu exemplo no lar influenciará para sempre a vida de seus filhos. — *Transcrito.*

No Dia das Mães

Continuação da página anterior

cionam, parecem considerar que todos os sacrifícios realizados em seu favor, não são motivos de gratidão, por parte deles, pois é natural e lógico que os pais se sacrifiquem pelos seres que trouxeram ao mundo: e que lhes compete receber até ao máximo os benefícios e as vantagens de sua condição de filhos.

«Há nesta época moderna uma superabundância de filhos e filhas que seguem uma conduta tão inconsequente como a de nossa jovem. A sublime abnegação e o incomparável amor maternal servem-lhe somente como tema para inspirar belas palavras e frases poéticas, quando se trata de publicar um poema ou uma composição literária que pode ser premiada, ou pronunciar um discurso que será muito aplaudido, mas não para despertar neles os nobres sentimentos e ideias que se manifestam na conduta e na constante atitude de carinho, respeito, agradecimento e consideração para com o ser que nos deu tudo sem nada pedir.»

Ambas guardaram silêncio depois destas sombrias mas justas palavras.

Jovens leitores; Que espécie de amor professais a vossas Mães? Vossa conduta para com elas demonstra que vos lembrais de que «as obras são o produto do amor e não das boas intenções.» Ou vos converteis em vampiros ao transpordes os umbrais de vosso lar? . . . — *Hacia el Ideal y Outros Relatos*, págs. 159-164.

Ester Peverina de Alberro

Crianças insubordinadas e mexelhonas

«Não se deve permitir que as crianças pensem que tudo na casa são brinquedos seus, para fazerem com tudo como lhes apraz. . . É intento de Deus que as perversidades naturais à meninice sejam desarraigadas antes que se tornem hábitos». — *Ellen G. White, Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 109.

A Mensagem Adventista no Mundo

Perto de 54 milhões de Revistas distribuídas no ano passado.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia publica agora 292 revistas. Em 1968 foram distribuídas em todo o mundo quase 54 milhões de exemplares destas revistas denominacionais.

A Pacific Press Publishing Association, na Califórnia, comandou o campo mundial, com um total de 17,2 milhões de exemplares; a Review and Herald Publishing Association, em Washington D. C., distribuiu 16,5 milhões de exemplares.

A Casa Publicadora Brasileira distribuiu 3,3 milhões de revistas; e a Casa Publicadora de Hamburgo, na Alemanha, 2 milhões.

D. A. McAdams

África Central

Cada uma das nações agora independentes, Ruanda e Burundi, aproxima-se ao Estado de Maryland em tamanho e população. Nos últimos 50 anos o Senhor tem abençoado maravilhosamente a Sua obra ali, sobretudo no Ruanda, onde temos a mais densa população adventista do Sétimo Dia em todo o mundo. No fim de Março de 1969, os membros da nossa União ultrapassavam os 81.000, dos quais 70.000 se concentram no Ruanda. (Entre as Uniões da América do Norte, por exemplo, só a do Pacífico tem um número de membros maior).

O número de membros da Escola Sabatina eleva-se agora acima de 172.000. Há mui-

tos anos W. A. Spicer cunhou uma frase ao dizer que tinha visto «acres e acres de escolas Sabatinas» na altura em que assistiu a um congresso no Ruanda.

Mais de metade do nosso número de membros é constituído por jovens. O ano de 1968 foi extraordinário porque 14.852 fizeram a sua decisão por Cristo durante a Semana de Oração de Jovens.

As nossas Igrejas de Ruanda tiveram um papel preponderante na obra pioneira dos imensos territórios do Congo. Mesmo ainda hoje trabalham na União do Congo mais de quinze obreiros do Ruanda.

— *P. G. Werner*

Malawi — O Chefe do Estado visita o Colégio da Missão

«Os missionários são bem-vindos ao Malawi», disse o Presidente do Malawi, Da. Hastings Banda, dirigindo-se a cerca de 8.000 pessoas reunidas na propriedade do Colégio de Malamulo.

Várias vezes no seu discurso o Presidente sublinhou a sua declaração e fez um forte apelo para a harmonia racial, boa vontade e compreensão entre todos os povos do País.

A propriedade de Malamulo vestiu as suas melhores galas para a visita do Presidente. Durante duas semanas antes da sua chegada, turnos de operários prepararam as estradas, a área da reunião e as plataformas onde se faria. Havia pequenas bandeiras em ambos os lados da estrada que

conduzia até junto do átrio. Uma bandeira enorme, com um sinal de boas-vindas, fora colocada de lado a lado da entrada da escola.

No apogeu da reunião dessa tarde, duas meninas da Missão — uma africana e outra europeia — entregaram ao Presidente um exemplar especial de «O Desejado de Todas as Nações».

Malamulo é a nossa instituição educacional e médica mais antiga na República do Malawi.

A. E. Cook

Por motivos de saúde, o Pastor Marius Fridlin cedeu a Presidência da Divisão Sul-Europeia ao Pastor W. E. Murray

No dia 3 de Novembro de 1969, o Irmão Fridlin informou o comité da Divisão que as longas viagens e as longas sessões do comité lhe eram demasiado penosas, depois da última operação. Ele não poderia esperar as próximas eleições e deveria entrar, antecipadamente, na reforma.

O comité da Conferência Geral designou o Irmão W. E. Murray como presidente interino da nossa Divisão. O Irmão Murray foi presidente da Divisão Sul-Americana de 1950 a 1958, e vice-presidente da Conferência Geral. Apesar da sua idade — 72 anos — o Irmão Murray responde ao apelo. Todos os Irmãos dirigentes da Divisão, reunidos recentemente no Conselho de Inverno em Florença, apreciaram a experiência do Irmão Murray e a maneira de dirigir as sessões de trabalho.

Num próximo número, o Boletim Adventista prestará homenagem à actividade do Irmão Fridlin na nossa Divisão.

Austrália

Uma população de 11.627.000 habitantes vive no vasto continente australiano.

Foi em 1885, em Melbourne, que a mensagem adventista foi pregada pela primeira vez por pioneiros dos Estados Unidos. Temos presentemente 300 igrejas adventistas e 30.000 membros na grande ilha australiana.

A Federação do Grande Sidney, uma das oito Federações da Austrália, conta 5.000 membros. Numerosas famílias adventistas têm emigrado para este continente. Vêm da Rússia, Itália, Polónia, França, Jugoslávia, Checoslováquia e Roménia. A igreja que mais rapidamente se desenvolve é a Igreja Jugoslava de Sidney. Conta actualmente 100 membros.

Uma igreja de 50 adventistas italianos não cessa igualmente de crescer. Enumeramos 300.000 italianos na Austrália, que os nossos Irmãos esperam atingir difundindo uma emissão em língua italiana.

Melbourne está situada no Estado da Federação de Victória. Temos 26 igrejas nesta cidade, entre as quais uma importante igreja polaca de 345 membros. Estes construíram recentemente uma capela com seus próprios meios.

A obra das publicações progride na nossa Divisão

Durante os últimos 10 anos (1959-1968), as vendas das 13 Casas Editoras da Divisão Sul-Europeia aumentaram 168%. Em 1968, a difusão desta produção estava assim dividida: 74% para os colportores-evangelistas e 26% para as Sociedades Missionárias e Países que não pertencem à nossa Divisão.

Durante este período de 10 anos, as vendas dos representantes aumentaram 153%, ou seja, um total de 293.355.336\$00. Nossos colportores contribuíram para levar ao baptismo 1.975 almas. Têm sido ainda os colportores, a origem da fundação de novas igrejas na Áustria, Itália, França, Espanha, Jugoslávia e Madagáscar.

Visado pela Censura

Notícias do Campo

No Deserto da Judeia e no Deserto do Namibel!

Vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou Seu Filho para remir os que estavam debaixo da Lei a fim de receberem a adoção de filhos. Gálatas, 4: 4, 5. Os anjos celestiais informaram os pastores do advento de Jesus e luz e glória de Deus acompanharam o seu testemunho. João não estava certo que era o Salvador que viera para ser batizado por ele no rio Jordão. Mas Deus lhe prometeu um sinal pelo qual conheceria o Cordeiro de Deus. João informou os seus discípulos de que Jesus era o Salvador prometido ao mundo! João viveu uma vida abnegada dedicado à obra de evangelização no primeiro advento do Messias que havia de vir.

João viera no espírito e virtude de Elias para proclamar o primeiro advento de Cristo. Ele representava os que saíram em épocas posteriores no Espírito e virtude de Elias para anunciar o dia da ira, e o segundo advento de Jesus.

Como João Baptista no deserto da Judeia,



O Dr. W. A. Howe dirigindo-se ao grupo do Bairro de S. João

assim nós estamos no deserto do Namibe em terras africanas a proclamar a triplice mensagem do advento do Senhor Jesus Cristo. A tarefa não é fácil

como fácil não era para João, mas mesmo ao deserto iam ter com ele as multidões desejosas de ouvir este mensageiro do Senhor e muitos se prepararam para seguirem a Jesus e aceitá-lo como o Messias prometido nas Profecias. Assim embora no deserto, ao ser proclamada a mensagem do amor de Deus, João alcançou troféus de vitória despertando almas para o Salva-



O Dr. Paul Steiner no uso da palavra no Bairro de S. João

dor. Assim esperamos com o auxílio de Deus realizar a obra que ele nos confiou neste campo deserto de modo que se torne um oásis a Igreja que proclama o segundo advento de Cristo nesta geração.

Iniciamos um humilde trabalho da campanha a «Bíblia Responde» e estamos em contacto com as almas que vão estudando as lições e confiamos que Deus nos dará vitórias neste deserto espiritual. Também organizamos um pequeno grupo de jovens e estão sendo feitas reuniões regulares com a juventude, havendo alguma esperança de futuramente se entregarem a Cristo como seu Salvador pessoal.

Desejamos aqui rogar aos Irmãos das Igrejas de Angola e Missões, o favor das vossas orações a favor do trabalho de evangelização de Moçâmedes, de modo que possamos ver o renascimento numa Igreja que tem passado por difíceis experiências num deserto espiritual mas que possa tornar-se um verdadeiro oásis reverdecido pelas águas cristalinas da Mensagem do Advento para esta geração.

Vosso no Senhor Jesus,

Américo J. Rodrigues

Visita dos Irmãos W. A. Howe e Paul Steiner

Quando de sua recente visita a Angola, como oportunamente o Boletim Adventista anunciou, os Doutores W.A. Howe e Paul Steiner tiveram a oportunidade de dirigir a palavra ao recentemente formado grupo do Bairro de S. João em Nova Lisboa. Todos apreciaram os preciosos conselhos dos dois dirigentes da obra educacional da nossa denominação. Na página anterior, apresentamos dois aspectos da visita desses nossos dois irmãos.

O Regime alimentar e os vícios

Continuação da pág. 7

diariamente por minhas mãos, e jamais como uma, sequer. Não ligo importância às frutas.

Então lhe perguntei: — Que é que come?

Ele me deu a resposta que eu esperava. Disse-me:

— De manhã, como presunto com ovos e duas xícaras de café.

O almoço se compunha também de alimentos e bebidas altamente concentrados, condimentados e estimulantes. Tais alimentos criam uma sede que a água não pode saciar. Os taberneiros de antanho já sabiam disto. Do ponto de vista puramente comercial, sabiam que convinha servir a seus fregueses abundantes sanduíches, pois são isca, contanto que na mesa não apareçam frutas, o que haveria de estragar seu objectivo. As mesas são antes abarrotadas com carnes supercondimentadas, salsichas, pernas de porco, defumados, mostarda, pimenta, vinagre, rábano-ardido e outras substâncias altamente irritantes. E tudo isto, ainda abundantemente semeado de sal. Os taberneiros sabem que estas coisas criam uma sede que leva de uma bebida para outra.

Na ausência de bebidas alcoólicas o cigarro serve para saciar essa espécie de sede, melhor do que a água. Por esta razão, o cigarro acompanha naturalmente tais refeições. Temos aqui uma explicação parcial dos motivos do tremendo aumento do consumo de cigarros.

A fim de evitar que os rapazes e meninas se tornem vítimas do vício de fumar, é preciso que se façam algumas reformas em nossos lares, em matéria de comer e beber. O rapaz que cresce comendo alimentos supercondimentados, sente sede por alguma coisa mais. Pode ser que ele não reconheça aquilo por que chama o seu organismo até que lhe seja apresentado o cigarro.

Isto explica, também, por que o álcool e o cigarro são tão íntimos companheiros. Onde se encontra um, com toda a probabilidade será encontrado o outro.

Facto triste é que há grande número de fervorosas mães, que, inocente e ignorantemente, estão servindo a seus filhos alimentos semelhantes aos que são servidos nos bares pelos taberneiros. Estão assim, inconscientemente, trabalhando para o cervejeiro, para o fabricante de aguardente e o comerciante de cigarros.